

Figuras bíblicas da vocação

JOÃO ALBERTO SOUSA CORREIA

Introdução

Simultaneamente humana e divina, a Palavra de Deus apresenta um notável carácter apelativo e, por isso mesmo, uma inquestionável força vocacional. De facto, percorrer as páginas da Escritura é viajar por entre numerosos e diversificados relatos de chamamentos divinos e de respostas humanas. Podemos até afirmar que toda a Palavra de Deus é vocação, dado tratar-se de um chamamento explícito ou implícito de Deus aos homens, a que estes respondem de forma positiva ou negativa, com maior ou menor ousadia. Contudo, há páginas em que a temática vocacional se evidencia, nomeadamente aquelas que apelidamos de «textos de vocação».

A vocação é de difícil sistematização, «porque se trata de um facto pessoal e analítico, que aparece na Sagrada Escritura e na Igreja, em formas diversas e, por isso mesmo, difíceis de pôr em prática, num quadro rígido»¹. Realidade diversificada, assume contornos diferentes, de acordo com a diversidade das pessoas, das épocas, dos lugares e das circunstâncias. Por conseguinte, trata-se de um tema vasto e susceptível de ser abordado de perspectivas e modos diversos.

Dado que a Sagrada Escritura é, por excelência, o livro da vocação, falar da vocação na Bíblia apresenta-se, por essa e por outras razões, como uma tarefa gigantesca, pois teria que ter em conta todos os textos onde se espelham os traços

¹ C. M. MARTINI, *Bíblia e vocação. Da vocação baptismal à vocação presbiteral*, ed. Paulistas, Lisboa 1983, p. 25.

e as dinâmicas da vocação. Razões de espaço e tempo tornam essa pretensão impossível. Daí que, impondo-se-nos seleccionar entre tantas possibilidades, optámos por algumas figuras bíblicas, três do Antigo Testamento (Abraão, Samuel e Jeremias) e três do Novo Testamento (Maria, os «Doze» e Saulo). Eis a razão por que damos a este estudo o título *Figuras bíblicas da vocação*.

I. ANTIGO TESTAMENTO

Uma primeira abordagem ao tema no Antigo Testamento leva-nos a constatar que «o verbo ‘chamar’ nunca aparece em todo o ‘ciclo de Abraão’ (Gn 11, 27 – 25, 11), a fim de indicar uma acção de Deus para com ele. O uso do verbo ‘chamar’, para indicar a vocação, começa a aparecer nos cânticos do Servo de Javé»². Apesar disso, a realidade da vocação marca presença desde o começo da Escritura, mais concreta e especificamente a partir da entrada em cena da figura de Abraão (Gn 12).

Além de Abraão, apresentaremos Samuel, «o que escuta Deus» e Jeremias, «profeta das nações», duas figuras emblemáticas da vocação veterotestamentária.

1. O chamamento de Abraão: um início absoluto (Gn 12, 1-3)

Apesar de, como vimos, o «ciclo de Abraão», não registar a ocorrência do verbo «chamar», a globalidade do relato e as três referências que o Novo Testamento lhe dedica (cfr. Rm 4; Gl 3; Hb 11) permitem-nos falar de Abraão na óptica do chamamento e atribuir-lhe os designativos de *primeiro chamado* e *primeiro crente*.

É, pois, na perspectiva do chamamento que vamos ler a sua história, conscientes de que tal implica uma opção particular e selectiva, no horizonte vasto e complexo da vida de Abraão. Aliás, esta opção encontra fundamento em Hb 11, 8 que diz: «Pela fé, Abraão, ao *ser chamado*, obedeceu e partiu para um lugar que havia de receber como herança e partiu sem saber para onde ia».

Não usando nunca a expressão «Deus chamou Abraão», o «ciclo de Abraão», contudo, regista a frase «Deus disse a Abraão» (cfr. Gn 12, 1), da qual

² *Ibid.*, p. 33. O texto que, pela primeira vez, usa o verbo «chamar» é Is 42, 6-7: «⁶Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão; formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações; ⁷para abrires os olhos aos cegos, para tirares do cárcere os prisioneiros, e da prisão os que vivem nas trevas».

emerge, de forma clara, a força apelativa da Palavra de Deus (cfr. também Gn 15, 1 e 17, 1). «Se quisermos, portanto, entrar na história de Abraão como chamamento, devemos referir-nos ao tema da Palavra de Deus, como perspectiva fundamental em que se situa a vocação»³.

O Senhor disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai...» (Gn 12, 1).

A primeira e mais elementar conclusão a que chegamos é que a vocação de Abraão depende da iniciativa divina, pois é Deus que lhe fala. Podemos, mesmo assim, colocar a questão: o chamamento de Abraão é um convite ou uma ordem? Respondemos afirmando que é as duas coisas, tão unidas entre si que separá-las redundaria num mero exercício académico, que, a acontecer, registaria apenas preocupação pedagógica!

No âmbito do chamamento, Abraão é convidado a deixar três coisas: a terra natal (realidade geográfica), a pátria (realidade cultural) e a família (realidade pessoal). Por outras palavras, é chamado do fundo da sua própria identidade e nele nada escapa aos desafios e exigências da vocação. O chamamento é para Abraão uma realidade totalizante que mexe com a vida passada, presente e futura, em todos os seus aspectos.

Faltam a Abraão as esperanças humanas (Gn 11, 3: «Sara era estéril e não tinha filhos»), mas Deus intervém em seu favor «quer naquilo que possui, quer naquilo que não tem. Quando lhe pede que renuncie àquilo que tem, apresenta-lhe como oferta aquilo que não tem e que ele não pode esperar»⁴.

O autor do chamamento é Deus, como se depreende da frase: «O Senhor disse a Abraão». Acresce que este chamamento marca um início absoluto, pois não há qualquer ponto de referência anterior a Abraão. Ele é o ponto de partida e esta nova relação é sublinhada, com clareza, mediante a fórmula da auto-apresentação de Deus: «Eu sou o Deus de Abraão e de Isaac» (Gn 28, 13) ou «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob» (Ex 3, 6).

Abraão é chamado a coisas tão concretas como genéricas:

¹ ... vai para a terra que Eu te indicar.

² Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.

³ Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas⁵ (Gn 12, 1-3).

³ *Ibid.*, p. 34.

⁴ *Ibid.*, p. 35.

⁵ O que o texto quer dizer é que, por meio de Abraão e seus descendentes, a salvação destinase a todos os povos (universalidade da salvação).

Povo e terra são «as duas realidades objectivas em que se concretiza e que especificam o chamamento de Abraão. (...) Ele é chamado a duas coisas: especificamente, a um povo e a uma terra; subjectivamente, como pessoa, é chamado a confiar, a ter esperança»⁶.

Três aspectos se destacam na vocação de Abraão:

– É uma *vocação singular*, mas de *destino universal*: «e todas as famílias da terra serão em ti abençoadas» (Gn 12, 3). A relação entre a singularidade e a universalidade é um dado presente em todas as histórias de vocação: o chamamento é particular, mas a missão é universal.

– O chamamento de Abraão tem um *carácter genérico*. Abraão não tem que fazer nada, pois Deus apenas lhe pede que caminhe, que espere e confie. É por isso que ele é tido como «pai dos crentes». Na verdade, está em jogo a lógica do abandono, típica da atitude crente e ingrediente imprescindível em qualquer itinerário vocacional.

– A *ruptura com o passado é definitiva e voltar atrás* apresenta-se como tarefa impossível. A vocação de Abraão está claramente voltada para o seu futuro e para o de outros que passam a depender dele e das suas atitudes. A Abraão não é dada a hipótese de voltar atrás, de um «regresso às origens» que, noutros casos, parece possível⁷. Uma vez feita a ruptura com o passado, ele é um peregrino errante, sem projecto definido, dado que abandona a sua comunidade de origem para dar início a uma outra: a comunidade dos crentes.

Num pequeno «discurso divino», verdadeiro «programa narrativo»⁸, introduz-se toda a «História Patriarcal» (Gn 12-50) e as exigências que se colocam a Abraão, chamado por Deus a ser o pai de um povo crente, tão numeroso como as estrelas do céu e as areias das praias do mar (cfr. Gn 22, 17).

2. Samuel: o que escuta Deus (1 Sm 3, 1-21)

Chefe do povo, juiz⁹ e profeta¹⁰, Samuel é, antes de tudo, escolhido e chamado por Deus. Podemos dizer que o chamamento de Samuel começa no seio da

⁶ C. M. MARTINI, *o. c.*, p. 35.

⁷ «Em Abraão, (...) desaparece tudo o que ele viveu e fez no passado, antes do seu chamamento. Não pode tornar atrás. Quando surge a carestia, não regressará à Mesopotâmia, mas descerá ao Egito. Podia voltar atrás, mas é impelido para novas coisas e nunca para a repetição do passado, o ponto de partida» (C. M. MARTINI, *o. c.*, p. 41).

⁸ É assim que o texto é habitualmente designado, na linguagem técnica da análise narrativa.

⁹ Estes dois aspectos da figura de Samuel aparecem, de forma clara, em 1 Sm 7.

¹⁰ Apesar de ser muito difícil determinar o momento em que teve origem o profetismo em Israel, o autor deste texto sublinha a importância de Samuel na aparição do movimento profético.

família, com a oração de sua mãe: esta, em primeiro lugar, deseja-o, e quase simultaneamente assume o compromisso de o oferecer ao Senhor (cfr. 1 Sm 1). A atitude da mãe de Samuel deixa antever que, no processo do discernimento vocacional, é fundamental a atitude familiar de oração e de gratidão oblativa a Deus.

Vindo de longe, quanto ao tempo e ao espaço, o chamamento de Samuel torna-se evidente no templo de Silo, conforme refere o relato correspondente (1 Sm 3, 1-21), um dos mais surpreendentes e típicos relatos de vocação do AT.

¹O jovem Samuel servia o Senhor sob a direcção de Eli. O Senhor, naquele tempo, falava raras vezes e as visões não eram frequentes. ²Ora, certo dia aconteceu que Eli estava deitado, pois os seus olhos tinham enfraquecido e mal podia ver. ³A lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado e Samuel repousava no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. ⁴O Senhor chamou Samuel. Ele respondeu: «Eis-me aqui.» ⁵Samuel correu para junto de Eli e disse-lhe: «Aqui estou, pois me chamaste.» «Disse-lhe Eli: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.» ⁶O Senhor chamou de novo Samuel. Este levantou-se e veio dizer a Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Eli respondeu: «Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.»

⁷Samuel ainda não conhecia o Senhor, pois até então nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor. ⁸Pela terceira vez, o Senhor chamou Samuel, que se levantou e foi ter com Eli: «Aqui estou, pois me chamaste.» Compreendeu Eli que era o Senhor quem chamava o menino e disse a Samuel: ⁹«Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: «Fala, Senhor, o teu servo escuta!» Voltou Samuel e deitou-se. ¹⁰Veio o Senhor, pôs-se junto dele e chamou-o, como das outras vezes: «Samuel! Samuel!» E Samuel respondeu: «Fala, Senhor, o teu servo escuta!»

¹¹O Senhor disse a Samuel: «Eis que vou fazer uma coisa em Israel que fará retinir os ouvidos a todo aquele que a ouvir. ¹²Nesse dia, cumprirei contra Eli todas as ameaças que anunciei contra a sua casa. Começarei e irei até ao fim. ¹³Anunciei-lhe que condenaria para sempre a sua família por causa da sua iniquidade, pois sabia que os seus filhos se portavam indignamente e não os corrigiu. ¹⁴Por isso, juro à casa de Eli que a sua culpa jamais será expiada, nem com sacrifícios nem com oblações.»

¹⁵Samuel ficou deitado até de manhã e abriu as portas da casa do Senhor, mas temia contar a visão a Eli. ¹⁶Eli, porém, chamou-o e disse: «Samuel, meu filho!» E ele respondeu: «Eis-me aqui.» ¹⁷Perguntou-lhe Eli: «Que te disse o Senhor? Não me ocultes nada. O Senhor te castigue severamente, se me encobrires alguma coisa de quanto ele te disse.»

¹⁸Então, Samuel contou-lhe tudo sem nada ocultar. Eli exclamou: «O Senhor fará o que bem lhe parecer.» ¹⁹Samuel ia crescendo, o Senhor estava com ele e cumpria à letra todas as suas predições.

²⁰Todo o Israel, desde Dan até Bercheva, reconheceu que Samuel era um profeta do Senhor. ²¹O Senhor continuou a manifestar-se em Silo. Era ali que o Senhor aparecia a Samuel, revelando-lhe a sua palavra.

Apesar do oráculo à mistura (vv. 11-14), eis-nos perante «um quadro típico de chamamento: três vezes é repetido o nome daquele a quem Javé quer confiar uma missão particular. Do chamamento há, portanto, toda a intimidade, o conhecimento do nome, o apelo pessoal»¹¹.

Não são as circunstâncias nem o ambiente que chamam Samuel, apesar de a isso ajudarem. Dom de Deus desde o momento da concepção, ele é chamado pela palavra do próprio Deus.

Tal como no caso de Abraão, também aqui a iniciativa divina, imediata e íntima, salta à vista! Contudo, à semelhança das plantas que precisam de terra e clima favoráveis, a voz de Deus precisa de um ambiente. Por isso, fez-se ouvir no templo: Samuel servia o Senhor e fazia-o sob a direcção do sacerdote Eli (v. 1). Servia o Senhor, mas ainda não o conhecia, «pois até então nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor» (v. 7). A diferença e a distância entre servir Deus e conhecer Deus aparece aqui evocada: servir Deus pode partir de uma iniciativa humana, ao passo que conhecer Deus depende necessariamente da iniciativa divina. Só quem conhece pode amar e servir.

Apesar de, naquele tempo, Deus falar raras vezes e as visões não serem frequentes (v. 1)¹², o narrador acrescenta que «a lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado» (v. 3)¹³. Querirá dizer apenas que ainda era de noite? Ou não irá mais longe, como frequentemente acontece com o texto bíblico, pretendendo sugerir que, apesar de falar poucas vezes e de as visões não serem frequentes, Deus estava presente e actuante? Pensamos que sim!

O objectivo do chamamento de Samuel aparece referido em parte: transmitir um oráculo de Deus (cfr. vv. 11-14). Todavia, se lermos todo o livro, apercebemo-nos de que ele é chamado a uma missão mais ampla e mais vasta: reunir o povo e ser para ele factor de unidade; ser instrumento de transição entre a época dos juizes e a da realeza; ungir dois reis, apesar de não concordar com a realeza (cfr. *1 Sm* 8, 1-22) e perspectivar a unidade de Israel como uma exigência religiosa e fraternal, independentemente da unidade política e militar.

O relato do chamamento de Samuel apresenta algumas etapas e características que o tornam modelo e referência para muitos dos processos de discernimento vocacional:

¹¹ C. M. MARTINI, *o. c.*, p. 72. Autores há que não consideram este texto como relato de vocação, mas sim como uma primeira experiência da Palavra de Deus da parte de Samuel (cfr. A. CAMPBELL – M. O'BRIEN, 1-2 *Samuel*, in AA. VV., *Comentario Bíblico Internacional*, ed. Verbo Divino, Estella 1999, p. 534).

¹² A palavra e a visão eram os dois modos habituais da manifestação de Deus aos profetas.

¹³ Segundo *Ex* 27, 21 e *Lv* 24, 3, a lâmpada do templo deveria arder «desde a tarde até de manhã».

– «Samuel *repousava* no templo do Senhor» (v. 3). Pelo texto, podemos deduzir que era de noite. No silêncio da noite, Samuel estava na melhor situação para escutar («repousava») e no sítio certo para ouvir Deus a falar («no templo do Senhor», junto à Arca da Aliança, em Silo). Estavam reunidas todas as condições para Samuel ser chamado.

– Quando ouve o chamamento, Samuel toma a atitude mais consciente e responsável: *levanta-se e vai ter com Eli. Responde* ao chamamento de duas formas diversas («Eis-me aqui» [v. 4]¹⁴ e «Aqui estou, pois me chamaste» [vv. 5 e 6]) que, contudo, traduzem a mesma disponibilidade.

É certo que se equivocou no momento de identificar quem chamava por si, mas nem por isso deixou de levantar-se e responder. Intuiu que fazer «ouvidos de mercador» e remeter-se ao silêncio não seriam atitudes correctas por parte de quem é chamado a servir.

Apesar de jovem, Samuel compreendeu que estar ao serviço no templo do Senhor exigia dele sacrifício e atenção. Efectivamente, a vocação não se compadece com as atitudes cómodas de quem não está disposto a servir nem com o silêncio de quem se esconde para não se comprometer.

– O chamamento é *repetido* (três vezes é aqui uma referência altamente simbólica) e repetida é também a afirmação da disponibilidade de Samuel, ainda que a descoberta do chamamento e de quem chama se faça de forma progressiva.

Interessante é também notar que foram necessárias três vezes para que Eli percebesse o que se estava a passar. Dele se diz que «estava deitado, pois os seus olhos tinham enfraquecido e mal podia ver» (v. 2). Também aqui nos podemos questionar se o texto diz apenas o que diz ou não quererá dizer algo mais, nas entrelinhas. Se atendermos ao conteúdo do oráculo, é bem provável que o autor do texto queira sugerir, em antecipação narrativa, que Eli se havia descuidado, pois não corrigiu os seus filhos, apesar do notável mau proceder de todos eles (cfr. v. 13).

Mesmo assim, honra lhe seja feita, assume o papel de *orientador espiritual* de Samuel: «Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: ‘Fala, Senhor, o teu servo escuta!’» (v. 9).

A identificação do chamamento é lenta e gradual; a resposta que ele requer exige discernimento e tal não é possível sem um Eli que oriente. Do texto transparece a imperiosa necessidade de um orientador espiritual no processo do discernimento e da caminhada vocacionais.

– Samuel dispõe-se a *escutar* e, para isso se tornar possível, pede a Deus que fale: «Fala, Senhor; o teu servo escuta!» (v. 10). A disponibilidade para

¹⁴ A prontidão de Samuel lembra a fé de Abraão (cfr. *Gn* 12, 1-4) e contrasta com as hesitações de Moisés (cfr. *Ex* 4, 10-12) e Jeremias (cfr. *Jr* 1, 6). Prontidão semelhante à de Samuel é a de Isaías (cfr. *Is* 6, 8).

escutar é condição fundamental para o posterior exercício da missão que lhe é confiada. Das evocações do texto ressalta a ideia de que não exerce bem a sua missão quem não escuta com atenção. Se nos lembrarmos que, na etimologia, obedecer significa «escutar atentamente», podemos concluir que não cumpre bem a sua missão quem não escuta com atenção, i. é, quem não obedece aos planos de Deus.

– O chamamento de Samuel destina-se a uma *missão ingrata, nuance* que caracteriza a missão de qualquer profeta: «cumprirei contra Eli todas as ameaças que anunciei contra a sua casa. Começarei e irei até ao fim» (v. 12).

Compreende-se que Samuel temesse contar a visão a Eli (cfr. v. 15). Não era uma boa notícia. Quem é chamado confronta-se muitas vezes com esta dificuldade que tem necessariamente que vencer, sob pena de não cumprir a missão que lhe foi confiada.

Digna de registo é a surpreendente postura de Eli, em tudo a sugerir que se trata de um homem sério, disposto a aceitar os desígnios de Deus: «O Senhor fará o que bem lhe parecer» (v. 18).

– «Samuel ia crescendo, o Senhor estava com Ele e cumpria à letra todas as suas predições» (v. 19). A vocação apresenta-se com três *exigências* fundamentais: *crescimento, presença de Deus e esforço*.

Se para estas três exigências Samuel pode contar com a ajuda de Deus, o Senhor conta com o esforço de Samuel. Podemos e devemos até asseverar que a vocação inscreve-se num horizonte de reciprocidade: é dom de Deus que exige esforço do homem, um esforço que vai da escuta de Deus à seriedade e coerência da vida de quem é chamado.

Cientes de que fica muito por dizer, mas convictos de que foi dito o essencial, podemos concluir que só quem escuta Deus pode falar em seu nome e ser reconhecido como *profeta* do Senhor (cfr. v. 20), à semelhança de Samuel.

3. Jeremias, «profeta das nações» (Jr 1, 4-10)

À semelhança de Isaías (cfr. Is 6, 1-13) e Ezequiel (cfr. Ez 1-3), Jeremias conta-nos a sua experiência de chamado por Deus em 1, 4-19, texto composto por um diálogo com Deus (vv. 4-10) e duas visões (vv. 11-19). Apresentamos apenas a primeira parte: Jr 1, 4-10.

⁴A palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos:

⁵«Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.»

⁶E eu respondi: «Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem.»

⁷Mas o Senhor replicou-me: «Não digas: 'Sou um jovem', pois irás aonde eu te enviar e dirás tudo o que eu te mandar.

⁸Não terás medo diante deles, pois eu estou contigo para te livrar» – oráculo do Senhor.

⁹Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me nos lábios e disse-me: «Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; ¹⁰a partir de hoje dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos, para arrancares e demolires, para arruínares e destruíres, para edificares e plantares».

É unanimemente aceite que «o diálogo não se refere a uma transcrição feita no momento do chamamento, mas recolhe o fruto duma experiência interior aprofundada, que se exprime sob forma dialogal»¹⁵. Evidente é também que estamos perante «um relato dominado pelo signo da palavra»¹⁶.

Outra constatação que se impõe da leitura do texto é que, ao contrário do que acontece noutros relatos proféticos semelhantes, não há qualquer referência às circunstâncias de tempo e lugar. A atenção centra-se na palavra de Deus, por Deus comunicada e pelo profeta recebida: «a palavra do Senhor foi-me dirigida...» (v. 4).

Com Jacques Briend, constatamos ainda que «o elemento visão ocupa um lugar central nas chamadas narrativas de vocação e que a escuta da Palavra divina só aparece em segundo lugar. Pelo contrário, o elemento visão aparece, muito sobriamente, em Jeremias 1, 9 e a Palavra de Deus (*Jr* 1, 9-10) apenas vem reforçar aquilo que já tinha sido dito no v. 5»¹⁷.

O relato continua com um discurso introdutório em que a frase «Eu te consagrei e te constituí profeta das nações» (v. 5) se manifesta como afirmação central. Neste versículo, o texto centra a sua atenção na acção divina, apresentando quatro verbos de que Deus é o sujeito («te haver formado», «te conhecia», «te consagrei» e «te constituí»), e no profeta que beneficia dessa acção (quatro vezes se usa a forma pronominal «te»).

A relação eu-tu abre-se aos outros, a todos os povos: a vocação de Jeremias não tem um endereço pessoal, mas universal, ideia contida na expressão «profeta das nações»¹⁸ (v. 5).

¹⁵ J. BRIEND, *O livro de Jeremias*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1996, p. 23.

¹⁶ J. M. ABREGO DE LACY, *Los libros proféticos*, ed. Verbo Divino, Estella 2001, p. 157.

¹⁷ J. BRIEND, *o. c.*, pp. 22-23.

¹⁸ O termo «nações» aplica-se genericamente, na Sagrada Escritura, às nações ou povos que circundam e/ou convivem com Israel, mas não acreditam no mesmo Deus.

¹⁹ A expressão deverá ser entendida no sentido do exercício do ministério da palavra, missão prioritária e constituinte do profeta.

Como também acontece no chamamento de Moisés (cfr. *Ex* 6, 12.30), Jeremias coloca uma objecção: «Ah! Senhor Deus, eu não sei falar¹⁹, pois ainda sou um jovem.» (v. 6) É a grandeza da missão que lhe é confiada que o faz sentir-se inapto: não sabe falar porque é jovem, uma limitação significativa que se pode desdobrar em duas: não saber falar e ser jovem. De facto, pede-se ao profeta que fale e como o poderá ele fazer se não sabe falar? Porque é jovem, não só não sabe falar como não goza de crédito perante os anciãos. Poderá ele falar ao povo com a credibilidade necessária para ser escutado sem que lhe seja reconhecida autoridade? É claro que não! Por isso, mais do que objecção, a observação de Jeremias traduz a lucidez de alguém que se sente demasiado pequeno para tamanha responsabilidade.

Deus não aceita a sua objecção, pois a missão profética não depende de Jeremias, mas do próprio Deus²⁰: «Não digas: ‘Sou um jovem’, pois irás aonde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar» (v. 7). A ordem de Deus inclui quatro verbos fundamentais que se correspondem nos seguintes binómios: *ir-enviar*, *dizer-mandar*. É esta ordem que distingue os verdadeiros dos falsos profetas (cfr. *Jr* 14, 14) e abre o profeta à relação eu-tu-eles, a única que justifica a vocação²¹.

O v. 8 adianta um dado importante: o problema de Jeremias parece não estar na ausência de capacidade oratória nem na sua juventude, mas sim no medo, não da mensagem, mas das pessoas («não terás medo deles»), o que o desenvolvimento do livro vai confirmar.

Por tudo isto, Deus resolve dar-lhe um sinal, gesto simbólico que visualiza e confirma a sua missão: «em seguida, o Senhor estendeu a sua mão, tocou-me nos lábios e disse-me: ‘Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; a partir de hoje dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos, para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres, para edificares e plantares’ (vv. 9-10). Estes versículos «inserir-se perfeitamente no contexto. Tudo estava centrado no tema da palavra e do falar. Por isso, Deus toca a boca e põe nela as suas palavras. Com esta última expressão (...) se sufraga a autoridade do profeta, ao sublinhar que a sua mensagem não é invenção humana, mas palavra do Senhor»²². Além disso, os verbos utilizados no v. 10 indicam que a missão de Jeremias implica a destruição do que é antigo e a criação de algo novo²³.

²⁰ Também neste caso, as semelhanças com Moisés são evidentes (cfr. *Ex* 7, 2).

²¹ Cfr. J. L. SICRE, *Profetismo en Israel*, ed. Verbo Divino, Estella 1996, pp. 125-126.

²² *Ibid.*, p. 126.

²³ «Con su insistencia en las obras de destrucción a las que es llamado Jeremías (arrancar, arrasar, destruir, derribar), el versículo final del diálogo (v. 10) presagia los numerosos oráculos de juicio que Jeremías va a pronunciar, y las consecuencias negativas que van a tener en su vida. No obstante, el mismo versículo, al augurar vida nueva con la indicación de que también ‘edificará’ y ‘plantará’, mantiene viva una chispa de esperanza que brillará con luz trémula en medio de la agobiante oscuridad» (B. BOZAK, *Jeremías*, in AA. VV., *Comentario Bíblico Internacional*, p. 920).

O relato da vocação de Jeremias apresenta aspectos comuns a todas as vocações, particularmente àquelas que se destinam ao ministério profético:

– *a iniciativa pertence a Deus* (ele forma no seio materno, conhece antes de existir, consagra e constitui) e o chamamento acontece mesmo antes da gestação. Toda a existência é situada em contexto vocacional e a vocação, tal como a existência em que se inscreve, é um dom total, absoluto e pleno, de que só Deus pode dispor²⁴;

– *a objeção humana é um dado evidente e compreensível*: ela tem a ver com a desproporção pressentida por quem é chamado entre a grandeza da missão para que é chamado e a pequenez das suas forças e qualidades. Todos os argumentos, ajustados ou desajustados, são validados por quem teme a responsabilidade que lhe é confiada (no caso de Jeremias, é premente a objeção «eu não sei falar», se atendermos a que a missão do profeta é essencialmente falar);

– *só Deus pode vencer e vence realmente as objeções e as limitações humanas*, reais ou fictícias: «irás aonde eu te enviar e dirás tudo o que eu te mandar» (v. 7).

Deus assiste aquele que chama para o livrar das situações adversas e para o assistir no exercício da sua missão: «Eu estou contigo» (como podemos constatar em Ex 3, 12, «estar com» faz parte da identidade de Deus que chama)²⁵;

– *o chamamento é feito por palavras e confirmado por gestos concretos* que têm a ver com a palavra que chama. No geral, os gestos têm a finalidade de visualizar e confirmar aquilo que nas palavras está já garantido de forma mais ou menos explícita;

– *o chamamento cria a expectativa da mudança e confere poder para tal*: o chamamento recria o seu destinatário e este é convidado a destruir o que é velho e criar algo de novo. A vocação e a fidelidade que se lhe exige implica necessariamente a ousadia da criatividade.

II. NOVO TESTAMENTO

Apesar de registarem circunstâncias e tempos diversos, constatamos que não há diferenças particularmente significativas entre a vocação no Novo e no Antigo Testamento. Mesmo assim, as particularidades e a importância dos protagonistas dos relatos neotestamentários de vocação requerem um tratamento específico, diferenciado e detalhado.

²⁴ Cfr. C. M. MARTINI, *o. c.*, p. 89.

²⁵ Apesar de sabermos que reina alguma dissensão e confusão a este respeito, o nome «Yahweh» parece querer dizer isso mesmo: «eu sou aquele que sou/estou» (cfr. F. GARCÍA LÓPEZ, *El Pentateuco. Introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia*, ed. Verbo Divino, Estella 2003, p. 144).

A nossa atenção orienta-se obrigatoriamente para Maria, «a serva do Senhor» e para os discípulos, «pescadores de homens», todos eles figuras concretas e imagens vivas do chamamento e dos relatos que, no NT, lhe dão forma. Para a vocação de Maria usaremos o texto de Lucas, único evangelista a referir o relato da anunciação. Para o chamamento dos discípulos, escolhemos também o terceiro evangelho, apesar de, neste caso, termos outras possibilidades, porque todos os evangelistas nos apresentam um registo mais ou menos desenvolvido do chamamento dos primeiros e mais directos seguidores de Jesus Cristo.

1. Maria, «a serva do Senhor» (Lc 1, 26-38)²⁶

Pela forma como Lc 1, 26-38 é usualmente designado – relato da anunciação – parece que o anjo vem apenas comunicar algo que já estava pré-determinado nos planos de Deus. Se assim fosse, Maria teria simplesmente que aceitar o que lhe era imposto e a atitude divina saldar-se-ia por um evidente condicionamento da liberdade humana, sendo, por isso, legítimo falar de determinismo. Mas não! Trata-se de um texto de anunciação porque, num primeiro momento, é um relato de vocação²⁷. Maria é chamada, é convidada. Porque escuta e livremente acolhe o plano de Deus, é por Ele escolhida para desempenhar uma tarefa simultaneamente humana e divina.

²⁶Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, ²⁷a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria.

²⁸Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salvé, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» ²⁹Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o

²⁶ Para o aprofundamento deste texto, cfr. AA. VV., *Maria di Nazaret nella Bibbia*, ed. Borla, Roma 2005.

²⁷ Os exegetas dividem-se quanto ao tipo de texto presente em Lc 1, 26-38: anúncio de nascimento ou relato de vocação? «Dado que la vocación particular de María, enteramente ordenada a la realización del designio de Dios, tiene por objeto la venida al mundo de Jesús, es natural que aparezca en ese contexto un anuncio de nacimiento. En todo caso, el personaje que ocupa la escena de principio a fin es María. Por lo tanto, las mejores analogías del Antiguo Testamento habría que buscarlas entre los relatos de vocación: vocaciones proféticas, como las de Isaías (*Is* 6), Jeremías (*Jer* 1) y Ezequiel (*Ez* 2, 1 - 3, 11 completado con 3, 14-15); vocaciones a la acción, como la de Gedeón (*Jue* 6, 11-24)» (P. GRELOT, *Los evangelios y la historia*, ed. Herder, Barcelona 1987, p. 189). Podemos ainda acrescentar que, nos relatos de vocação, não há observadores externos. É o que aqui acontece: Maria está a sós com o anjo.

Segundo Aristide Serra, o género literário deste texto será o da aliança, dado que «la vocazione di Maria inerisce profondamente alla Nuova Alleanza che Dio vuole sancire col suo popolo; lei è la donna chiamata a servire questo disegno col divenire madre del Figlio di Dio, nel quale sarà concluso il Patto Nuovo» (A. SERRA, *Maria di Nazaret nel vangelo di Luca*, in AA. VV., *Maria di Nazaret nella Bibbia*, ed. Borla, Roma 2005, p. 237).

que significava tal saudação.³⁰ Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.³¹ Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.³² Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David,³³ reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.»

³⁴Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?»³⁵ O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus.³⁶ Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril,³⁷ porque a Deus nada é impossível.»³⁸ Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela.

Em primeiro lugar, constatamos que qualquer chamamento tem como ingredientes um proponente, ou seja, alguém que chama (neste caso, Deus: «o anjo Gabriel foi enviado por Deus» [v. 16]), um mediador (anjo²⁸ Gabriel), um destinatário (v. 17: «o nome da virgem era Maria») e um objectivo (comunicar a mensagem contida nos vv. 31-33).

Num segundo momento, registamos uma grande dose de *surpresa*²⁹, comum a outros relatos e experiências de vocação:

– Deus chama *quando quer* ... (v. 26: «ao sexto mês», circunstância de tempo que relaciona este acontecimento com a gravidez de Isabel, ocorrida «no tempo de Herodes, rei da Judeia» [1, 5]);

– *como quer* ... (por intermédio do anjo Gabriel [o nome «Gabriel» significa *Deus é forte!*], o que deixa antever a desfecho do relato: com a força de Deus torna-se possível o que humanamente era impossível [cfr. v. 37]³⁰);

– *onde quer* ... (Nazaré, povoação da Galileia nunca referida no Antigo Testamento³¹ e «conhecida na tradição pela composição híbrida e pouco ortodoxa da sua população»³²);

²⁸ A palavra «anjo», de origem grega (ἄγγελος), significa «mensageiro».

²⁹ «La vocación particular notificada a la joven virgen entra dentro de lo ‘inesperado’ de Dios» (P. GRELOT, *o. c.*, p. 218).

³⁰ Ver a concepção miraculosa de Isaac (*Gn* 18, 14), onde se usa a mesma terminologia. O uso dos mesmos termos aponta, de forma implícita, para a semelhança entre a fé de Maria e a de Abraão.

³¹ «Perdida entre as colinas da Galileia existia já, desde o século VII da nossa era, uma aldeia humilde semi-troglodita chamada Nazaré. Não tendo qualquer fortificação, esta povoação reunia uma vintena de casas-covas com um lagar e um silo para grãos, escavados na rocha. O seu nome evoca o de um ‘depósito’ para armazenar as colheitas (a raiz *nzr* significa *guardar*). Era pouco conhecida. O Antigo Testamento não fala nela e Natanael declara: ‘De Nazaré poderá vir alguma coisa boa?’» (CH. PERROT, *Narrativas da infância de Jesus*, ed. Difusora Bíblica, Lisboa 1990, p. 51).

³² R. FABRIS, *O evangelho de Lucas*, in R. FABRIS – B. MAGGIONI, *Os Evangelhos (II)*, ed. Loyola, São Paulo 19983, p. 31.

– e *quem quer* (uma mulher, de nome Maria, de quem se acrescenta que é «virgem desposada»³³, pretendendo-se, desta forma, sublinhar a integridade de Maria).

Por último, antes de passarmos à leitura do relato em chave vocacional, não podemos esquecer alguns paradoxos nele presentes, quase que a dizer-nos que a vocação, como a própria vida em que surge e se inscreve, é, na sua essência, um paradoxo, i. é, uma aparente contradição:

– o mais alto dos céus³⁴ toca-se com a aldeia mais afastada e desprezada de Israel, Nazaré;

– o maior dos «heróis de Deus», Gabriel, entra em contacto com uma jovem desconhecida, Maria;

– Gabriel saúda Maria, apesar de ser de todo inconveniente saudar-se uma mulher. Mais, o anjo saúda uma mulher desposada mediante uma declaração de amor («cheia de graça»), forma habitual de um homem casado se dirigir à sua esposa³⁵;

– a pergunta de Maria também espelha o carácter paradoxal da situação: «Como será isso, se eu não conheço³⁶ homem?»³⁷;

– paradoxal é ainda o facto de Lucas dar relevo a Maria, quando «a ascendência de Maria contava pouco, pois, segundo o direito da época, só interessava a linha paterna – fosse a paternidade real ou legal. Em nenhum dos casos, Jesus poderia ter pretendido ser Filho de David ou filho de Aarão por sua mãe»³⁸.

³³ «No contexto da época, principalmente na Galileia, uma menina de mais de doze anos podia ser ao mesmo tempo casada e virgem: ficava algum tempo em casa do pai até que o marido a viesse buscar para sua casa» (CH. PERROT, *o. c.*, p. 50).

³⁴ Gabriel remete-nos para o mais alto dos céus, dado tratar-se daquele «que está diante de Deus» (Lc 1, 19), apesar de ser o anunciador das grandes decisões divinas em relação à humanidade.

³⁵ Charles Perrot não hesita em afirmar que tal «faz pensar num plano subversivo de Deus contra José. E é o que acontece. Maria responde «Eis a serva do Senhor», retomando as palavras de Rt 3, 9 e do 1 Sm 25, 41 – dois elementos situados exactamente no contexto matrimonial da ‘serva-esposa’. Maria muda de esposo. Estamos, pois, longe do tema tradicional que apenas insiste na humildade da Virgem» (CH. PERROT, *o. c.*, p. 50).

³⁶ O verbo «conhecer» tem aqui, como na globalidade da Escritura, um sentido eminentemente sexual. Ocorre ainda precisar que o texto bíblico nos apresenta uma constatação de facto e não a formulação de um voto. De facto, o verbo no presente exclui a possibilidade de interpretação da afirmação de Maria como um voto, pois, a ser assim, o verbo deveria aparecer no futuro. Podemos dizer que «a primeira vocação é a da maternidade messiânica; mas esta completa-se com a vocação da maternidade virginal» (P. GRELOT, *o. c.*, p. 211).

³⁷ A pergunta de Maria equipara-se à de Zacarias, em Lc 1, 18. A julgar pelos resultados, o espírito das perguntas é diferente: a de Zacarias manifesta incredulidade, a de Maria vontade de saber, a fim de ir mais longe na aceitação da proposta.

³⁸ CH. PERROT, *o. c.*, p. 52.

A jovem Maria percorre algumas das fases presentes nos processos de discernimento vocacional, ainda que não seja obrigatório aparecerem todos nem rigorosamente pela ordem em que aqui se apresentam:

– *Perturbação* (v. 29: «ela perturbou-se»; v. 30: «Maria, não temas»³⁹). A referência à perturbação de Maria, duplamente constatada, não visa apresentar Maria dominada pelo medo, mas a reflectir sobre a mensagem anunciada e a interrogar-se sobre o sentido da sua vocação. É nesta perspectiva que se deverá entender o convite a não temer.

Os motivos da perturbação são evidentes: regista-se ali uma presença inesperada (anjo) e uma saudação ousada (v. 28: «salvé, ó cheia de graça»⁴⁰). Como atrás se referiu, era estranho que um homem dirigisse a palavra a uma mulher, e mais estranho que o fizesse a uma mulher desposada, usando a expressão «cheia de graça».

Mais que justificada, a perturbação de Maria vai acompanhada de uma declaração⁴¹: «o Senhor está contigo», expressão que aparece com frequência nos relatos de vocação (cfr. *Ex* 3, 12; *Jz* 6, 12; *Jr* 1, 8.19; 15, 20), constituindo-se, desde logo, como uma garantia imprescindível no processo de aceitação do chamamento e do desempenho da missão nele contida.

– *Interrogação*. Maria interroga-se (v. 29: «ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e *inquiria* de si própria o que significava tal saudação») e interroga o anjo (v. 34: «como será isso se eu não conheço homem?»)⁴². À primeira vista, parece ser a fase da dúvida de Maria. Mas não! É antes a fase do esclarecimento («... o que *significava*...») para que a perturbação seja vencida e a aceitação se torne possível, consciente e responsável.

A pergunta de Maria aponta para uma revelação mais completa de Jesus e do seu mistério. Por ela, se abre a possibilidade a Maria de compreender que «nada é impossível a Deus» (v. 37).

– *Aceitação* (v. 38: «Eis a serva do Senhor, *faça-se* em mim segundo a tua palavra»). Começando por ser um acto de disponibilidade interior que permite a realização da Palavra de Deus (os seus desígnios), a vocação é um serviço

³⁹ A sugestão «não temas» é uma fórmula habitual dos relatos de visões e aparece em muitos deles (cfr. *Gn* 15, 1; 21, 17; 26, 24; 28, 13; *Jz* 6, 23; *Dn* 10, 12.19).

⁴⁰ O participio *κεχαριτωμένη* não parece funcionar aqui como uma palavra que complete a ideia do verbo principal, mas, dada a ausência de um nome próprio, será antes um apelo pessoal no vocativo: «alegra-te, ó cheia de graça» (cfr. P. GRELOT, *o. c.*, p. 197). Além disso, o verbo *χαριτώω* tem um sentido causativo. Talvez a intenção do autor seja afirmar que, ao declará-la «cheia de graça», se está produzir o efeito correspondente.

⁴¹ De facto, não se trata da formulação de um desejo (a exprimir com o modo conjuntivo), mas de uma constatação, expressa pelo modo indicativo.

⁴² «A objecção entra na urdidura literária dos anúncios de nascimento» (R. FABRIS, *o. c.*, p. 32).

(«eis a *serva*») que se presta a Deus e aos outros. Mais, não só a vocação é um serviço, como podemos falar de uma vocação para o serviço (cfr. *Lc* 1, 39-45, onde a atitude de Maria que se põe a caminho para ajudar Isabel sufraga plenamente esta ideia).

O relato da anunciação termina por aqui, mas os efeitos que ele despoletou continuam. Com base na sequência do texto, *Lc* 1, 39-56⁴³, podemos descobrir mais alguns dos traços do processo vocacional:

– *Oração/proclamação*. Maria é proclamada «bendita» (v. 42), «mãe do meu Senhor» (v. 43), feliz por ter acreditado na realização de quanto lhe fora dito da parte do Senhor (cfr. v. 45). Contudo, não é apenas proclamada, o seu chamamento desemboca numa atitude de oração e proclamação (cfr. os vv. 46b-55, conhecidos habitualmente como «cântico de Maria»).

Como refere o texto, Deus olhou para a humildade da sua *serva* (cfr. v. 48), fez nela maravilhas (cfr. v. 49), daí que a proclamem «bem-aventurada todas as gerações» (v. 48). Por ela, Deus alterou a lógica da história humana: «A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias» (vv. 50-53).

– *Aflição/sofrimento*. Momento festivo, a proclamação não anula a aflição e o sofrimento que a vocação acarreta: «Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: ‘Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; *uma espada trespassará a tua alma*. Assim hão-de revelar-se os pensamentos de muitos corações» (*Lc* 2, 35). Além disso, e apesar de a referência apenas aparecer no Quarto Evangelho, haverá melhor imagem para exprimir o sofrimento de Maria, chamada por Deus, que a sua presença junto à cruz de seu filho e mestre (cfr. *Jo* 19, 25-27)?

⁴³ «³⁹Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. ⁴⁰Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. ⁴¹Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. ⁴²Então, erguendo a voz, exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. ⁴³E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? ⁴⁴Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. ⁴⁵Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor’. ⁴⁶Maria disse, então: ‘A minha alma glorifica o Senhor ⁴⁷e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. ⁴⁸Porque pôs os olhos na humildade da sua *serva*. De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações. ⁴⁹O Todo-poderoso fez em mim maravilhas. Santo é o seu nome. ⁵⁰A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. ⁵¹Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. ⁵²Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. ⁵³Aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias. ⁵⁴Acolheu a Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, ⁵⁵como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre’. ⁵⁶Maria ficou com Isabel cerca de três meses. Depois regressou a sua casa» (*Lc* 1, 39-45).

Chamada por Deus, Maria perturba-se, interroga-se e interroga, aceita, proclama e sofre. Assim se torna a mãe de Jesus Cristo e a sua primeira discípula, mãe e modelo dos crentes⁴⁴. Este é, de resto, o caminho vocacional de qualquer discípulo de Jesus Cristo, conforme é proposto pelos textos do Novo Testamento.

2. Os discípulos, «pescadores de homens» (Lc 5, 1-11)

Todos os evangelistas narram o chamamento dos discípulos⁴⁵. Dado que são bastante semelhantes entre si (trata-se de lugares paralelos) e porque apresentámos Maria com base no evangelista Lucas, nele nos mantemos para falar do chamamento dos discípulos, fazendo referência aos lugares paralelos sempre que se justifique.

2.1. «Deixaram tudo e seguiram-no» (Lc 5, 1-11)

5, 1-11 é o primeiro texto em que Lucas nos fala do chamamento dos discípulos. Pesca abundante e chamamento andam de mãos dadas.

¹Encontrando-se junto do lago de Genesaré, e comprimindo-se à volta dele a multidão para escutar a palavra de Deus, ²Jesus viu dois barcos que se encontravam junto do lago. Os pescadores tinham descido deles e lavavam as redes. ³Entrou num dos barcos, que era de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra e, sentando-se, dali se pôs a ensinar a multidão. ⁴Quando acabou de falar, disse a Simão: «Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca». ⁵Simão respondeu: «Mestre, trabalhámos durante toda a noite e nada apanhámos; mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes».

⁶Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se, ⁷e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. ⁸Ao ver isto, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador». ⁹Ele e todos os que com ele estavam encheram-se de espanto por causa da pesca que tinham feito; o mesmo acontecera ¹⁰a Tiago e a João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão.

Jesus disse a Simão Pedro: «Não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens».

¹¹E, depois de terem reconduzido as barcas para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus.

⁴⁴ São diversos os textos em que ela aparece junto do Filho, não na condição de mãe, mas na condição de seguidora do seu projecto (cfr. Lc 8, 21; Jo 2, 1-12; 19, 25-27).

⁴⁵ Cfr. Mt 4, 18-22; 9, 9-13; 10, 1-4; Mc 1, 16-20; 2, 13-17; 3, 13-19; Lc 5, 1-11.27-32; 6, 12-16; Jo 1, 35-51.

O texto apresenta três momentos: introdução (vv. 1-3), pesca milagrosa (vv. 4-7) e chamamento de Pedro (vv. 8-11). «A ligação entre estes três momentos é constituída pela ‘palavra’ de Jesus. No começo, Ele anuncia a ‘palavra de Deus’ ao povo que se amontoa na margem; é por causa da palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo, e é ainda por causa da sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, segue Jesus»⁴⁶.

A multidão⁴⁷ comprimia-se à volta de Jesus para escutar a palavra de Deus (v. 1) e Jesus senta-se no barco de Simão a ensinar (v. 3). O mestre é Jesus, o pescador é Simão. Ao pescador lança Jesus um sugestivo convite vocacional: «Faz-te ao largo» (v. 4). Ordena depois aos restantes pescadores que lancem as redes para a pesca (cfr. v. 4). Os resultados são surpreendentes: se, na ausência de Jesus, nada pescaram, na sua presença, «apanharam uma grande quantidade de peixe» (v. 6).

Pedro era simultaneamente um homem de fé (v. 5: «porque Tu o dizes, lançarei as redes») e um pecador (v. 8: «afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador»). À consciência do seu *pecado* junta-se o *espanto* em virtude da pesca que tinham realizado e até o *receio* pelo sucedido (v. 10: «Jesus disse a Simão: ‘não tenhas receio; de futuro, serás pescador de homens’ »).

Consciência do pecado, espanto e receio é uma tríade de sentimentos que inevitavelmente invade quem é chamado e exprime a consciência das limitações humanas face à grandeza e às exigências da missão confiada.

«Depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram-no» (v. 11). Mateus refere que Simão e André deixaram as redes (4, 18) e que Tiago e João deixaram «o barco e o pai» (cfr. Mt 4, 22). A vocação, concluímos nós, exige a ruptura dos laços laborais e familiares. Se estes são amarras que prendem, o chamamento é convite que liberta e o seguimento a concretização da libertação operada.

Quando se esperava que eles reclamassem a presença de Jesus para que a pesca continuasse a ser abundante, e até se poderia pensar que, agora mais que nunca, estariam agarrados ao lago e aos barcos finalmente rentáveis, eles deixaram tudo e seguiram Jesus. A vocação assume assim contornos inesperados e desconcertantes: Pedro, Tiago e João abandonam a lógica humana, que já pertencia ao passado, e deixam-se cegar pela promessa divina: «*de futuro, serás pescador de homens*» (v. 10).

É necessário dizer ainda que a vocação acontece no presente, na vida concreta e projecta sempre para o futuro, libertando das amarras do passado. Mais, tem uma componente de radicalidade e ousadia irreflectida (*deixar tudo*), bem como de aventura e abertura ao desconhecido (*seguir Jesus*). Poderíamos

⁴⁶ R. FABRIS, *o. c.*, p. 63.

⁴⁷ Mc 3, 7.8 fala de uma «imensa multidão» e «grande multidão» respectivamente.

ainda falar da componente de busca, expressa na pergunta típica do Quarto Evangelho: «Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?» (Jo 1, 38).

Por fim, importa referir que a Palavra de Deus assume nesta cena um lugar de particular relevo: «no começo, Jesus anuncia a ‘palavra de Deus’ ao povo que se amontoa à margem; é por causa da palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo, e é ainda por causa da sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, o segue»⁴⁸.

A Palavra de Deus ocupa um lugar de relevância em qualquer processo de chamamento, no momento de chamar e/ou na altura do discernimento vocacional, onde se afirma como instância norteadora e crítica por excelência.

2.2. O chamamento de Levi (Lc 5, 27-32)

Neste mesmo capítulo 5 de Lucas, encontramos um outro texto, altamente sugestivo: *o chamamento de Levi*.

²⁷Depois disto, Jesus saiu e viu um cobrador de impostos, chamado Levi, sentado no posto de cobrança. Disse-lhe: «Segue-me». ²⁸E ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu-o.

²⁹Levi ofereceu-lhe, em sua casa, um grande banquete; e encontravam-se com eles, à mesa, grande número de cobradores de impostos e de outras pessoas. ³⁰Os fariseus e os doutores da Lei murmuravam, dizendo aos discípulos: «Por que comeis e bebeis com os cobradores de impostos e com os pecadores?»

³¹Jesus tomou a palavra e disse-lhes: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes. ³²Não foram os justos que eu vim chamar ao arrependimento, mas os pecadores».

Levi era cobrador de impostos. Pertencia a uma classe mal vista e, por isso, seriam muitos os que, passando por ele, não o queriam ver ou eventualmente faziam de conta que o não viam. Mas Jesus viu-o, prestou-lhe atenção e chamou-o: «Segue-me» (v. 27). O narrador constata que «ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu-o» (v. 28), uma anotação redaccional que sublinha a típica radicalidade de Lucas quanto ao seguimento de Jesus.

A força e a urgência do apelo exigem uma mudança profunda: estava agarado a quanto possuía ou queria vir a possuir e deixou tudo⁴⁹; estava sentado e levantou-se (verbo da mudança); estava estagnado e pôs-se em movimento. O chamamento exige conversão (v. 32: «chamar ao arrependimento»). Mateus,

⁴⁸ R. FABRIS, *o. c.*, p. 63.

⁴⁹ A radicalidade do seguimento é típica de Lucas: «Qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 33; cfr. 18, 22-27).

funcionário do fisco, provavelmente usurário e ladrão, torna-se discípulo de Jesus, mudando inteiramente a sua forma de pensar, sentir e viver.

O relato do chamamento de Levi ajuda-nos a compreender que o chamamento é inesperado e desconcertante. De facto, no lugar de Jesus Cristo, quem ousaria chamar Mateus? Ele fá-lo porque não segue a lógica humana, por mais admiração e escândalo que isso provoque.

2.3. A eleição dos Doze (Lc 6, 12-16)

Depois dos episódios atrás narrados e antes do discurso das Bem-aventuranças (Lc 6, 20-23), narrando a eleição dos Doze (Lc 6, 12-16), Lucas «vê na eleição e investidura dos ‘doze’ o modelo de toda a escolha e encargo de serviço ou missão eclesial (cfr. Act 6, 6; 13, 3; 14, 23)»⁵⁰.

Referência comum no Terceiro Evangelho, Jesus é apresentado em oração. O acontecimento é tão importante que só mesmo isolado («no monte»), em oração, Jesus o podia preparar.

¹²*Naqueles dias, Jesus foi para o monte fazer oração e passou a noite a orar a Deus.*

¹³*Quando nasceu o dia, convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos: ¹⁴Simão, a quem chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago, João, Filipe e Bartolomeu; ¹⁵Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado o Zelote; ¹⁶Judas⁵¹, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.*

Marcos diz que Jesus «estabeleceu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar os demónios» (Mc 3, 14-15). Assim sublinha que os discípulos não são chamados prioritariamente para serem enviados, mas «para estarem com Ele», com tudo o que isso significa de partilha da vida, dos ideais e projectos de Jesus Cristo. Só depois é que são enviados, atitude decorrente do estar com Cristo.

Lucas diz apenas que ele «convocou os discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu o nome de Apóstolos» (v. 13). O termo «discípulo» remete para a aprendizagem, ao passo que a palavra «apóstolo» aponta para o envio. O verbo «convocar» é normal neste tipo de textos (trata-se de um texto de chamamento!).

O verbo «escolher» acrescenta um dado novo a este processo: *a eleição ou escolha*. Eles são chamados e escolhidos com uma finalidade concreta, como se deduz da palavra «apóstolos»: serem enviados.

⁵⁰ R. FABRIS, *o. c.*, p. 73.

⁵¹ Mateus e Marcos apresentam o nome Tadeu e não Judas (cfr. Mt 10, 3 e Mc 3, 18).

Qualquer processo vocacional percorre, de forma mais ou menos clara e linear, estas três etapas: chamamento («convocou»), escolha («escolheu») e envio (apóstolos). Esperava-se que Jesus escolhesse primeiro e chamasse depois, mas sabemos que a ordem dos factores é aqui arbitrária. Na prática, convocar e escolher apontam para a mesma acção. Distinto, ainda que consequente, é o acto de enviar.

De seguida, o texto apresenta o nome dos discípulos chamados e escolhidos. Se em relação aos outros nomes não há nada a constatar, o caso de Simão é significativo. Passa a ser chamado Pedro (pedra, rochedo), o que constitui, desde logo, um sinal da mudança que a convocação e a eleição ou escolha acarretam. É sinal da nova missão que lhe é confiada (com muita frequência, a mudança de missão é, na Escritura, acompanhada da mudança de nome).

2.4. A missão dos Doze (Lc 9, 1-6)

Lc 9, 1-6 apresenta-nos, de forma clara e radical, a missão dos Doze.

¹Tendo convocado os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demónios e para curarem doenças. ²Depois, enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar os doentes, ³e disse-lhes: 'Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforge, nem pão, nem dinheiro; nem tendes duas túnicas. ⁴Em qualquer casa em que entrardes, ficai lá até ao vosso regresso. ⁵Quanto aos que vos não receberem, saí dessa cidade e sacudi o pó dos vossos pés, para servir de testemunho contra eles.

⁶Eles puseram-se a caminho e foram de aldeia em aldeia, anunciando a Boa-Nova e realizando curas por toda a parte.

Os Doze têm poder e autoridade sobre todos os demónios e para curarem doenças. São enviados a *proclamar* o Reino de Deus e a *curar* os doentes (vv. 1-2). Deste modo, Jesus torna-os participantes da sua própria missão (cfr. 4, 43; 8, 1). Aliás, nunca se é chamado para outra missão que não a do Mestre.

Sem deixar de sublinhar os verbos *proclamar* e *curar* como específicos da missão, avançamos para as advertências dadas por Jesus a quem é enviado:

– *Desprendimento e liberdade* (v. 3: «nada leveis para o caminho»), pois facilitam o envio e o exercício da missão⁵²;

– *Hospitalidade* (v. 4: «em qualquer casa em que entrardes, ficai lá até ao vosso regresso»);

⁵² «A edição de Lucas, em comparação com o texto de Marcos, está marcada por um radicalismo sem meios termos» (R. FABRIS, *o. c.*, pp. 98-99).

– *Rejeição* (v. 5: «quanto aos que vos não receberem, saí dessa cidade e sacudi o pó dos vossos pés, para servir de testemunho contra eles», gesto pitoresco e eficaz de ruptura repetido pelos judeus sempre que voltavam de um território pagão [cfr. *Act* 13, 51; 18, 6]). Na verdade, «um anúncio que se serve unicamente da palavra e do testemunho em favor do reino fica exposto ao risco do fracasso; e certamente não se pode considerar compensação gratificante o saber que quem rejeita a boa nova fica excluído do novo povo de Deus»⁵³.

Lucas apresenta um outro texto em que aparecem recomendações semelhantes e outras, dadas aos setenta e dois discípulos: *Lc* 10, 1-11. A novidade desse texto está nas frases: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. *Rogai*, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe. Ide! *Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos*» (v. 2) e ainda «não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho» (v. 4).

A noção da grandeza da messe e da escassez dos trabalhadores, a oração («*rogai*»), a consciência das dificuldades («*cordeiros para o meio de lobos*») e a noção de urgência («*não vos detenhais*») são armas que qualquer chamado e enviado deve levar na bagagem.

A vocação apostólica é exigente, como se pode constatar em *Lc* 9, 57-62: é preciso ter consciência que «o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça» (v. 58) e perceber que os laços familiares (v. 59: «*deixa-me ir primeiro sepultar o meu pai*»; v. 61: «*primeiro permite que me despeça da minha família*») bem como as saudades do que fica para trás são empecilhos para o exercício da missão: «*Quem olha para trás, depois de deitar a mão ao arado, não é apto para o Reino de Deus*» (v. 62).

A estas recomendações de Jesus poderemos acrescentar diversas outras, referidas no capítulo 12 do evangelho de Lucas: confessar Jesus sem medo (vv. 1-12); cuidado com a ganância (vv. 13-15); confiança na Providência (vv. 22-32); vigilância (vv. 35-40); reconciliação (vv. 57-59); renúncia (14, 25-33); perdão (17, 1-4); etc.

As advertências de Jesus acima referidas continuam a ser úteis e válidas em qualquer processo de discernimento vocacional e no exercício da missão confiada aos seus discípulos.

Por último, aparece-nos em Lucas a temática da *recompensa*: «Em verdade vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pais ou filhos, por causa do Reino de Deus, que não receba muito mais no tempo presente e, no tempo que há-de vir, a vida eterna» (*Lc* 18, 29-30). Vale a pena citar o texto paralelo de Marcos, pelo que ele traz de novo: «receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas e irmãos, irmãs, mães, filhos, campos, juntamente com *perseguições*» (*Mc* 10, 30).

⁵³ R. FABRIS, *o. c.*, p. 99.

O que se constata é que nada falta a quem é chamado e deixa tudo para seguir Jesus: bens materiais, bens espirituais, incompreensões e perseguições.

3. Saulo (Paulo)⁵⁴, «instrumento da minha escolha» (Act 9, 1-25)

Relato de conversão ou de vocação? As opiniões acerca do género literário de Act 9, 1-25⁵⁵ divergem. Ainda que o texto pareça privilegiar a vertente da conversão, parece-nos que versa as duas coisas⁵⁶, pois, neste caso, conversão e vocação andam de mãos dadas, exigem-se e implicam-se mutuamente. Na verdade, «a iniciativa de Jesus, que pára Paulo no caminho de Damasco, não se limita a iluminá-lo a respeito da sua verdadeira identidade de Messias glorioso, solidário com os seus discípulos, mas transforma radicalmente o destino de Paulo. A sua conversão coincide com a sua vocação ou investidura de apóstolo, enviado em missão»⁵⁷.

¹Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo Sacerdote ²e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse, algemados e para Jerusalém.

³Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. ⁴Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, por que me persegues?» ⁵Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?» Respondeu: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues. ⁶Ergue-te entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer».

⁵⁴ O livro dos *Actos dos Apóstolos* usa indistintamente o nome Saulo (hebraico) e Paulo (grego).

⁵⁵ As opiniões divergem também no que respeita à delimitação do texto. Segundo alguns autores, a unidade textual estende-se do v. 1 ao 19^a (cfr. R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, ed. Loyola, São Paulo 1991, p. 184). Baseados em critérios geográficos, outros autores defendem que a delimitação do texto se faça no v. 25, atendendo a que, no v. 26, a acção passa de Damasco para Jerusalém. Pelo meio, encontrámos alguém que delimita o texto entre o v. 22 e o v. 23 (cfr. J. ROLOFF, *Gli Atti degli Apostoli*, ed. Paideia, Brescia 2002, p. 194). Convém ainda referir que, um ou outro autor atira o final desta unidade textual para o v. 30, até porque antes de 11, 25 Paulo não volta a aparecer (cfr. D. MARGUERAT – Y. BOURQUIN, *Cómo leer los relatos bíblicos. Iniciación al análisis narrativo*, ed. Sal Terrae, Santander 2000, p. 254). Reconhecemos que não é uma questão fácil, mas se prescindirmos da anotação geográfica do v. 26 e se tivermos em conta que, no livro dos Actos dos Apóstolos, os sumários encerram habitualmente uma unidade narrativa, o texto estender-se-á do v. 1 ao 31. Aliás, os vv. 19-31 tratam do mesmo assunto, a actividade missionária de Paulo. Para o assunto em questão, basta-nos seguir o texto até ao v. 25.

⁵⁶ O problema já não se coloca quanto a Gl 1, 11-24, onde a perspectiva é eminentemente vocacional.

⁵⁷ R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, p. 188.

⁷Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém. ⁸Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco, ⁹onde passou três dias sem ver, sem comer nem beber.

¹⁰Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão. «Ananias!» Respondeu: «Aqui estou, Senhor». ¹¹O Senhor prosseguiu: «Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento».

¹²Saulo, entretanto, viu numa visão um homem, de nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista. ¹³Ananias respondeu: «Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar todo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém. ¹⁴E agora está aqui com plenos poderes dos sumos sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome». ¹⁵Mas o Senhor disse-lhe: «Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. ¹⁶Eu mesmo lhe hei-se mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome». ¹⁷Então, Ananias partiu, entrou na dita casa, impôs as mãos sobre ele e disse: «Saulo, meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobrades a vista e fiques cheio do Espírito Santo». ¹⁸Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o baptismo.

¹⁹Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco. ²⁰Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus. ²¹Os que o ouviam ficavam estupefactos e diziam: «Não era ele que, em Jerusalém, perseguia aqueles que invocavam o nome de Jesus? Não tinha ele vindo aqui expressamente para os levar, presos, aos sumos sacerdotes?» ²²Mas Saulo fortalecia-se cada vez mais confundia os judeus de Damasco, demonstrando-lhes que Jesus era o Messias.

²³Passado muito tempo, os judeus combinaram matá-lo, ²⁴mas Saulo foi avisado das suas intenções. Até as portas da cidade eram guardadas, noite e dia, com o fim de o matarem. ²⁵Então, os discípulos tomando-o de noite, fizeram-no descer pela muralha abaixo, dentro de um cesto.

A conversão de Paulo foi um acontecimento tão significativo que o livro dos Actos dos Apóstolos o refere três vezes⁵⁸, aqui em forma narrativa e nas duas restantes em discursos autobiográficos, de carácter apologético (Act 22, 4-21; 26, 9-18). Esta tríplice narração tem a finalidade de «legitimar, de um lado, a passagem da missão cristã do âmbito judaico para o pagão e, por outro lado, autenticar a função missionária de Paulo, estranho ao grupo dirigente de

⁵⁸ A repetição é um expediente da técnica narrativa do autor do livro dos *Actos dos Apóstolos*.

Jerusalém e ao núcleo dos ‘doze’ apóstolos. Levando em conta este objectivo ‘teológico’ de Lucas e seus hábitos estilísticos e literários, compreendem-se, sem inúteis concordismos ou artifícios psicologizantes, as divergências entre os três relatos da conversão de Paulo»⁵⁹.

O relato, «de rara sugestão espiritual»⁶⁰, começa por nos apresentar Saulo, agora protagonista principal⁶¹ e perseguidor oficial dos discípulos do Senhor (vv. 1-2). A partir daí, centra-se na mudança operada em Saulo e nas suas intenções.

Lendo atentamente o relato, reconhecemos nele alguns dos traços fundamentais que estruturam e caracterizam o processo da conversão e do discernimento vocacional.

– Paulo «*estava a caminho*» (v. 3a). Apesar de as intenções serem outras (algemar «homens e mulheres que fossem desta Via⁶²» [v. 2]), não deixa de ser sugestiva esta anotação, quase que a sugerir que o encontro com Deus, a conversão e o chamamento, só acontecem quando, do ponto de vista da fé, não se está acomodado, mas a caminho.

– De seguida, salta à vista a *iniciativa divina*, no contexto de um relato de aparição (vv. 3b-6). É Deus quem envolve Paulo com «uma intensa luz», como o sugere a expressão «vinda do Céu» e é Jesus (cfr. v. 5) quem lhe pergunta: «Saulo, Saulo⁶³, por que me persegues?⁶⁴» (v. 4).

A apresentação gradual dos elementos característicos do relato de aparição (a luz, a voz, uma figura celeste, a reacção do(s) destinatário(s) da revelação) tem como finalidade enfatizar o poder da iniciativa divina. Daí concluímos que o chamamento depende sempre da iniciativa de Deus, chegando, porém, aos seus destinatários de modo diversificado.

– Por seu lado, *Saulo cai por terra*⁶⁵, imagem sugestiva que remeterá seguramente para o início de um processo de transformação (conversão ou «iluminação

⁵⁹ R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, p. 185. As diferenças entre os relatos de Lucas e os testemunhos directos das cartas de Paulo têm a ver com as diferentes perspectivas teológicas de um e de outro.

⁶⁰ A expressão pertence a R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, p. 188.

⁶¹ Paulo já tinha sido introduzido em cena aquando da perseguição movida à comunidade cristã de Jerusalém, em que foi martirizado Estêvão (cfr. 7, 58 – 8, 3).

⁶² O termo é usado pelo livro dos Actos para designar o grupo ou comunidade dos cristãos (18, 25-26; 19, 9.23; 22, 4; 24, 14.22).

⁶³ O chamamento pelo nome próprio repetido duas vezes é frequente nas descrições teofánicas veterotestamentárias e relatos de vocação (cfr., entre outros, *Gn* 31, 11; 46, 2; *1 Sm* 3, 10).

⁶⁴ «Na perspectiva eclesial de Lucas, Jesus glorioso é solidário com os cristãos; e quando esses são perseguidos, é ainda o seu destino de perseguido que se prolonga na história (*Lc* 10, 16)» (R. FABRIS, *Atos dos Apóstolos*, p. 188). Cfr. *Mt* 10, 40; 25, 40; *Lc* 10, 16.

⁶⁵ Cair por terra é um elemento próprio da descrição das teofanias, do atordoamento face à erupção do sobrenatural (cfr. *Dn* 10, 9; *Lc* 1, 12; *Act* 10, 4).

espiritual», como alguns preferem chamar-lhe), imprescindível para quem se destina a ser anunciador da mensagem em que passa a acreditar. Caindo abaixo das suas certezas e preconceitos, Saulo abre-se à proposta de Deus que vai descobrir dentro da Igreja, no seio da comunidade cristã de Damasco.

– Depois de ter caído por terra, *fica cego e é necessário levá-lo pela mão para Damasco* (v. 8). À parte a ironia ou «arte do contraste» presente no texto⁶⁶, a narrativa sugere que qualquer experiência de conversão e vocação gera necessariamente cegueira, a não entender como punição, mas como expressão da prostração. É o tempo da confusão e da perturbação que o apelo de Deus gera na pessoa a quem é endereçado.

– *Ao longo de três dias, Saulo não viu, não comeu nem bebeu* (v. 9). Eis a ruptura radical com o passado, uma experiência de morte, semelhante à de Jesus no túmulo. Esta indicação pretende certamente sugerir que, assim como, no túmulo, Jesus se prepara para ressuscitar, também Saulo vai ressurgir para uma vida nova que já está em gestação. Podemos até falar de uma verdadeira ressurreição espiritual.

– No contexto de uma dupla visão (vv. 10-16)⁶⁷, que tem como destinatários primeiro Ananias e depois Paulo, e onde uma vez mais se sublinha a iniciativa divina, se diz: «esse homem é *instrumento da minha escolha*, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. Eu mesmo lhe hei-de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome».

«A expressão ‘levar o meu nome’ não tem nunca na linguagem do cristianismo primitivo o sentido de ‘pregar’, ‘anunciar de modo missionário’, mas significa: ser submetidos graças ao baptismo ao nome de Jesus Cristo, confesá-lo, ser cristão abertamente»⁶⁸. Eis o que Paulo devia ser diante dos pagãos, dos reis (cfr. *Mt* 10, 17-22; *Mc* 13, 9; *Lc* 21, 12-17) e dos filhos de Israel. Dito de outro modo, Paulo não só não perseguirá mais a comunidade, como fará parte da mesma. Nela e com ela professará publicamente o nome de Jesus.

– Vencidos os receios (vv. 13-14), a *acção de Ananias* (vv. 17-18), enquanto intérprete e consciência crítica da comunidade, foi preciosa para a descoberta do projecto de Deus a respeito de Saulo e para a sua inserção e credibilização no seio da comunidade cristã. Ananias encarna o papel de um conselheiro es-

⁶⁶ São diversas as ironias presentes no texto: o perseguidor é «perseguido»; o homem esclarecido fica cego; o que devia algarer é agora levado pela mão; o que faz sofrer os cristãos há-de sofrer pelo nome de Cristo!

⁶⁷ «La correlazione delle visioni è un spedito stilistico – probabilmente introdotto qui da Luca – atto a sottolineare in modo particolare la conduzione divina dei momenti salienti di un avvenimento» (J. ROLOFF, *o. c.*, pp. 196-197).

⁶⁸ J. ROLOFF, *o. c.*, p. 205.

piritual, fundamental na dinâmica da descoberta vocacional e na articulação de quem é chamado com a comunidade na qual se exerce a missão.

Ananias impôs as mãos a Saulo (v. 17), ele recobrou a vista, ficou cheio do Espírito Santo e recebeu o baptismo (vv. 17-18)⁶⁹. Saulo percorre um verdadeiro caminho catecumenal em que a *componente sacramental* fundamenta e solidifica a sua conversão, assim como projecta luz sobre a sua vocação.

Além do dom do Espírito e do baptismo, explicitamente referidos (vv. 17 e 18 respectivamente), a Eucaristia parece estar implicitamente evocada, quando se diz: «depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco» (v. 19).

– Quanto até agora o texto referiu destinava-se a apresentar e a legitimar Saulo como anunciador da Palavra de Deus. O v. 20 refere-o explicitamente e acrescenta ainda o conteúdo da proclamação: «começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que *Jesus era o filho de Deus*». A conversão e o chamamento acontecem em função da inserção numa comunidade e tendo por objectivo o anúncio da mensagem divina a essa ou a outras comunidades.

Conclusão

Chegados ao fim de um longo percurso sobre as figuras bíblicas da vocação, resta-nos confirmar quanto, a este respeito, se afirmou na introdução ao presente estudo: a Palavra de Deus apresenta um notável carácter apelativo e, por isso mesmo, uma inquestionável força vocacional; a vocação, contudo, é de difícil sistematização e, por isso, se impõe a escolha de casos concretos para se falar de uma realidade tão vasta e diversificada.

Dos diferentes relatos de vocação que percorremos emergem diferenças circunstanciais e, ao mesmo tempo, algumas coordenadas fundamentais sobre a realidade da vocação, assim como indicações válidas e seguras para o processo actual do chamamento e do discernimento vocacional na vida da Igreja: é Deus quem chama, quase sempre de forma mediada; dificilmente se vislumbra e se aceita, à primeira, o chamamento de Deus; a atitude de escuta e a ajuda do orientador espiritual, intérprete e consciência crítica da comunidade, são essenciais na percepção de que é Deus quem chama; Deus deixa a quem é chamado liberdade de decisão e garante a sua presença para suprir as dificuldades ou exigências sobre-humanas dos desafios da vocação.

⁶⁹ Em *Actos*, é normal que a imposição das mãos se faça após o baptismo (cfr. 8, 4-25; 19, 1-7). Neste caso, estamos perante uma circunstância especial, pois o dom do Espírito destina-se a remover os impedimentos que se opõem ao baptismo. Apesar da ordem em que aparecem, não deixam de ser actos articulados entre si e que se implicam mutuamente.

Da diversidade dos casos estudados emerge a ideia de que é no seio da comunidade crente que Deus chama. Torna-se ainda evidente que, quem é chamado, encontra aí a terra e o clima adequado para o discernimento vocacional, bem como para o exercício da missão que, em sede de chamamento, por Deus lhe é confiada, pois a vocação tem uma clara finalidade comunitária.